

Saberes, Gênero e Desenvolvimento Territorial: A Mangabeira entre o Extrativismo Pantaneiro e o Associativismo Feminino em Anastácio (MS)

Autor(res)

Rosemary Matias
Lilian Ottoni
Ederson Dias Da Silva
Kauany Fernanda Ferreira Schio
Gilberto Gonçalves Facco
Karen Silva Dos Santos
Marcos Barbosa Ferreira
Luana Feitosa De Oliveira

Categoria do Trabalho

Pós-Graduação

Instituição

UNIDERP | PPGSS MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Introdução

A etnobotânica investiga as interações entre sociedades e plantas, evidenciando como os saberes tradicionais estruturam identidades, práticas produtivas e territorialidades culturais (Albuquerque, 2022). No Pantanal sul-mato-grossense, espécies nativas como buriti, guavira e mangaba compõem a memória biocultural das populações locais, integrando alimentação, medicina popular e estratégias de subsistência (Pott; Pott, 1994; Ottoni, 2025).
No caso da mangaba (Hancornia speciosa Gomes), a espécie destaca-se por sua relevância ecológica, cultural e socioeconômica em diferentes regiões do Brasil, sendo associada tanto ao consumo do fruto quanto a práticas extrativistas e artesanais. No entanto, as formas de organização social vinculadas ao seu uso variam conforme o contexto territorial. Torna-se, portanto, necessário compreender essas diferentes expressões socioprodutivas, bem como as relações entre gênero, território e desenvolvimento regional em áreas onde ocorre o extrativismo vegetal.

Objetivo

Analisar comparativamente o papel das mulheres na conservação e no uso da mangabeira no Pantanal (Fazenda Cáceres) e no Assentamento Monjolinho (Anastácio-MS), identificando diferenças nas formas de manejo, organização produtiva e transmissão intergeracional do conhecimento, a fim de compreender seu potencial socioprodutivo e sua contribuição para o desenvolvimento territorial sustentável.

Material e Métodos

O estudo foi realizado em dois contextos territoriais de Mato Grosso do Sul: a Fazenda Cáceres, no Pantanal da Nhecolândia (Corumbá), e o Assentamento Monjolinho, em Anastácio, onde atua a AMAM – Associação das Mulheres do Assentamento Monjolinho. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, desenvolvida entre fevereiro de 2023 e fevereiro de 2026, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE

nº 7.477.353).

A coleta de dados incluiu levantamento bibliográfico, visitas de campo, observação direta e entrevistas semiestruturadas com mulheres reconhecidas como detentoras do conhecimento tradicional. No Assentamento Monjolinho, foram analisadas também as dinâmicas organizativas da associação, os processos de beneficiamento e as estratégias de comercialização. Os relatos foram transcritos e sistematizados em categorias temáticas, articulando dimensões ecológicas, culturais, produtivas e territoriais.

Resultados e Discussão

Na Fazenda Cáceres, a mangabeira está associada à ancestralidade do homem pantaneiro, especialmente à prática de extração do látex, vinculada a saberes de sangria e ao conhecimento da paisagem. Embora as mulheres detenham informações sobre áreas de ocorrência e ciclos fenológicos, a atividade econômica relacionada à espécie permanece marcada por narrativas masculinas e por práticas pontuais de exploração, sem estrutura produtiva consolidada. Observa-se fragilidade na transmissão intergeracional desses saberes e ausência de organização que assegure sua continuidade econômica.

Em contraste, no Assentamento Monjolinho, a AMAM promove o beneficiamento coletivo da mangaba, estruturando práticas associativas que ampliam o valor agregado e fortalecem a autonomia feminina. A comparação evidencia distintas formas de territorialização do conhecimento tradicional: uma baseada na memória extrativista masculina e outra na organização coletiva feminina voltada ao mercado.

Conclusão

A mangabeira revela distintas racionalidades territoriais em Mato Grosso do Sul. No Pantanal, permanece vinculada à memória extrativista do homem pantaneiro. Em Anastácio, a experiência da AMAM evidencia outra forma de territorialização do saber, baseada na organização coletiva e na inserção no mercado. A comparação demonstra que a sustentabilidade territorial depende não apenas da preservação do conhecimento, mas das formas sociais que o estruturam e transmitem.

Agências de Fomento

FUNDECT-Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Referências

ALBUQUERQUE, U.P.D. Introdução à etnobotânica. 3ed. Rio De Janeiro: Interciência, 2022. 150p.

FERNANDES, T.; MOTA, D.M. É sempre bom ter o nosso dinheirinho": sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará. Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v.52, n.1, p.9-24, 2014.

POTT, A.; POTT, V.J. Plantas do Pantanal. Corumbá: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal –EMBRAPA – SPI, 1994. 320p.

REIS, A.F.; SCHMIELE, M. Características e potencialidades dos frutos do Cerrado na indústria de alimentos. Brazilian Journal of Food Technology, v.22, p.e2017150, 2019.

OTTONI DA SILVA, L. Do conhecimento tradicional à inovação: o uso da mangaba e seu potencial no controle de verminose em ovinos pantaneiros. 2025. 145f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, 2025.